

## **USO DO IMAGINÁRIO CULTURAL NEGRO E APROPRIAÇÃO CULTURAL NA MODA OCIDENTAL**

*Use of Images from Black Culture and Cultural Appropriation in Western  
Fashion*

Erlea, Melody Brasil Erler von; Pós-graduanda; Centro Universitário Belas  
Artes, melody.erlea@gmail.com

### **Resumo**

Esse trabalho visa explorar o significado do uso do imaginário figurativo da cultura negra em desfiles, tendências de moda e publicações de moda no ocidente, de maneira a apontar o uso de material e temática não pertencente à cultura do ocidente como fator que enfatiza e segrega o “outro exótico” e reafirma o imaginário ocidental como fonte de supremacia cultural.

Palavras Chave: apropriação cultural; cultura negra; moda ocidental.

### **Abstract**

*This article intends to explore the meanings of black culture figurative images usage in runway shows, fashion trends and publications in the occident, as so to point out the uses of non-western material and themes as a factor that emphasizes and segregates the “exotic other” and states the western images as source of cultural supremacy.*

*Keywords: cultural appropriation; black culture; western fashion.*

Na moda, como em outras áreas da produção artística, a temática oriental e a referência a culturas que remetem ao exótico, ao primitivo, ao diferente, são recorrentes e costumam dar margem a trabalhos visualmente interessantes, mas é comum que a discussão sobre o papel das culturas não ocidentais seja deixado de lado para que as indústrias e o sistema de moda como um todo possam continuar lucrando com o preconceito sistemático presente no meio.

A cultura oriental sempre foi vista pelo homem ocidental como misteriosa e exótica, e desde a formação cultural do ocidente - baseada nas filosofias judaico-cristãs - serviu como maneira de subverter os valores ocidentais conservadores, fugir de suas morais e resgatar ideias e valores há muito rejeitados pelas ideologias ocidentais.

O uso das imagens orientais na produção cultural ocidental pode representar, em muitas instâncias, uma fuga das sanções ocidentais e uma oportunidade de

experimental sensações e experiências consideradas um tabu no ocidente (MARTIN e KODA, 1994, p. 10).

O uso das culturas não ocidentais costuma ser puramente estético, sem que haja conversa sobre o que significa para o mundo ocidental se utilizar de orientalismos quando da produção de arte e cultura, e sem que se tenha em mente a verdadeira inclusão no sistema de produção e consumo artístico e cultural de populações que fornecem os ideais culturais vastamente utilizados por um sistema feito por e para uma corrente principal dominada pela cultura ocidental e pelo homem branco.

A intenção deste trabalho é estudar o uso de temáticas provenientes da África e sua função cultural e histórica na moda. Usando o desfile de outono/inverno 2014 de Tufi Duek como ponto de partida, o estudo analisará o uso da cultura negra em outros desfiles e publicações de moda, no Brasil e exterior, a fim de pontuar a ocorrência de apropriação cultural.

Com o auxílio de textos que discutem o valor cultural e social da moda na história da humanidade, pretende-se criar um diálogo entre o poder visual e estético da moda e sua influência na formação cultural e social das civilizações ocidentais enquanto colonizadoras e apropriadoras de outras culturas – que passam a ser alienadas em relação à cultura corrente.

#### **Tufi Duek Outono/Inverno 2014 e o uso de temática africana**

A coleção de Eduardo Pombal para outono e inverno 2014 da Tufi Duek foi muito elogiada pelo uso não literal das imagens africanas, baseadas primariamente no trabalho do fotógrafo malaio Malick Sidibé, que teve sua visão da cultura popular relida por Pombal em estampas, cores e texturas.

Ao mesmo tempo, a coleção foi causa de uma polêmica: o conceito de beleza negra e africana só estava presente no backstage, onde havia um mural com fotos de modelos negras e tribos africanas, em que claramente se notava a estética negra na qual o estilista se inspirou. No entanto, na passarela só havia modelos brancas, causando a impressão, para alguns espectadores, de que a

referência à África tenha sido uma espécie de exploração cultural por parte de Pombal.

O conceito de exploração cultural se dá a partir da existência, na sociedade ocidental e regiões colonizadas pela Europa, do que se chama racismo cultural, sobre o qual diz Fanon:

Este racismo que se pretende racional, individual, determinado, genotípico e fenotípico, transforma-se em racismo cultural. O objeto do racismo já não é o homem particular, mas uma certa forma de existir. No limite, fala-se de mensagem, de estilo cultural. Os "valores ocidentais" reúnem-se singularmente ao já célebre apelo à luta da "cruz contra o crescente". (Fanon, 1980, p. 36)

A discussão observada partia da opinião de que a falta de modelos negras no desfile era evidência do racismo do estilista, que contou nessa coleção com o mesmo casting de modelos de seus desfiles anteriores na SPFW. Embora o estilista pudesse ter atentado ao tema de sua coleção e adaptado o casting de maneira a representar o continente africano também nas modelos escolhidas, é compreensível que ele tenha optado por trabalhar com modelos com as quais já estivesse habituado e que já fossem representativas da estética de marca.

A questão um pouco mais aprofundada - e um pouco mais relevante - é: a que ponto uma indústria feita pela civilização exploradora pode se inspirar e se basear na cultura explorada? Deve-se discutir se basear uma produção artística ocidental em uma temática africana constitui uma espécie de exploração cultural; se uma marca, ao se permitir usar inspiração negra, deve tentar produzir moda também para a mulher negra, e representá-la na passarela, ou se esse não é o dever do estilista ao conceber uma coleção; e se a opção de utilizar a inspiração africana é apropriação cultural ou não.

#### **Apropriação Cultural: o que é e como identificá-la**

A idéia de se apropriar de algo pressupõe que esse algo já foi, em algum momento, posse de outros. Apropriar-se é tomar, sem permissão, algo que pertence a alguém.

(...) O colonizado, que tem ocasião de ver o mundo moderno penetrar até nos recantos mais longínquos da selva, adquire uma consciência

muito aguda do que não possui. As massas, por uma espécie de raciocínio... infantil, convencem-se de que todas essas coisas lhe foram roubadas. (Fanon, p. 57, 1968)

Apropriação cultural, portanto, é tomar para si, sem autorização, a cultura de outrem, é se utilizar de material cultural produzido fora do seu próprio grupo social, de suas ideologias, estéticas e filosofias. Para que se conceba a ideia de apropriação cultural, é preciso aceitar cultura como posse, como produto, como coisa que pode ser comercializada, usurpada, roubada. E para que se decida se certo material cultural é uma posse ou não, é necessário rever as origens dessa produção cultural, e a relação histórica entre o povo que a produz e o povo que, supostamente, se apropria dela.

O papel do homem negro no Brasil - e na América em geral - é historicamente um papel de submissão. Nas origens do país, a população negra era posse - produto, que era comercializado, comprado e vendido, e ao qual se agregava valor. O dono de um escravo era dono de tudo o que o escravo possuía, fazia e produzia. A cultura que o escravo trazia consigo da África, portanto, também era posse de seu senhor. Esse lado da colonização retrata que a violência dos sistemas colonialistas não era apenas física e psicológica, mas também intelectual e cultural, de modo que o povo colonizado ficava despido de sua humanidade de todas as maneiras possíveis, e sua individualidade cultural era anulada.

O colonialismo, ao mesmo tempo que desenvolve um complexo de inferioridade no negro, cria um complexo de superioridade no branco – dessa maneira todos vivenciam e produzem uma alienação de humanidade (FAUSTINO, 2013, p. 221), pautada por estereótipos e dicotomias de personalidade – características associadas ao negro são negativas, enquanto que características positivas são associadas ao branco. A desumanização é tanto de oprimido quanto de opressor, porém apenas o oprimido passa a “ser menos”. (FREIRE, 1987, p. 16)

Historicamente, portanto, a cultura negra foi reproduzida e retratada dentro de relações de dominação, coerção e força - e de desrespeito quanto às origens e significados da cultura explorada. Apropriação cultural, então, é o uso desrespeitoso das imagens culturais de civilização alheia à corrente cultural

principal (normalmente ocidental e branca), uso esse que reafirma, ao invés de combater, estereótipos e segregações.

### **A representação do negro e da África na Moda**

No início de 2013, Ronaldo Fraga apresentou sua coleção de primavera e verão 2014. O tema era futebol, e a referência a uma cultura brasileira permeada por africanidades era clara. A referência teria sido clara da mesma maneira sem o aplique de palha de aço exibido na cabeça das modelos - que foi bastante discutido à época do desfile.

Fraga justificou o uso dos apliques como homenagem à herança africana e negra que o nosso país possui - e sem a qual talvez não tivéssemos tido tanto sucesso no esporte que Fraga usou como tema - e como crítica ao racismo que ainda permeia a sociedade.

A problemática dos apliques de palha de aço é a representação negativa que carregam: jamais o cabelo crespo foi mencionado como "*cabelo bombрил*" de maneira elogiosa. Portanto, seja como homenagem ou como crítica, a intenção do estilista se perde na escolha de uma imagem que carrega uma conotação excludora da população negra: o cabelo crespo como símbolo da diferença, do anormal, do não aceito, do fora do padrão geral.

Esta caricatura do estilo, contudo, diz alguma coisa sobre o estilo autêntico do passado. O conceito de estilo autêntico se desmascara, na indústria cultural, como o equivalente estético da dominação. A idéia do estilo como coerência puramente estética é uma fantasia retrospectiva dos românticos. (Adorno, 2002, p. 13)

O desfile de Fraga, dessa maneira, se torna veículo de exploração cultural: a moda continua sendo feita por e para um público específico e se utiliza de um tema que, embora a primeira vista pareça integrar as diferentes escalas da cultura brasileira, acaba as segregando ainda mais ao enfatizar uma característica considerada feia, cômica, da população negra.

Ao invés de reler e restaurar o passado em uma experiência coletiva, a coleção realça o aspecto traiçoeiro da tradição (SALLES , 2011, p. 290) - a reafirmação

de valores tradicionais que excluem e ridicularizam uma parte da população, ao invés de incluí-la no processo de criação e comercialização da moda.

A ambiguidade do procedimento da moda se evidencia no fato de que tanto pode ser útil para evidenciar a distinção social, portanto, ser signo de exclusão, testemunho da história dos grandes do mundo(...), quanto para apontar valores inclusivos, (...) passando a ser demonstração da participação de todos. (Salles, 2011, p. 291)

No caso do desfile de Ronaldo Fraga, as perucas de palha de aço surgem como reafirmação de papéis sociais, ao invés de serem imagens descontextualizadas, emancipadas de significados originais (SALLES, 2011, p. 291).

O desfile da coleção de primavera e verão 2014 de Rick Owens foi tema de discussões acaloradas no mundo da moda, e também criou surpresa ao sair da fórmula óbvia das modelos altas e magras marchando em linha reta por uma passarela.

A princípio aclamado por sua diversidade cultural e corporal, a performance estruturada por Owens traz algumas problemáticas. De certa maneira, o desfile de Owens representa e dá continuidade às mesmas relações de poder que parece querer combater.

Lewis R. Gordon, no prefácio de **Pele negra, máscaras brancas**, de Fanon, afirma:

(...) racismo e colonialismo deveriam ser entendidos como modos socialmente gerados de ver o mundo e viver nele. Isto significa, por exemplo, que os negros são construídos como negros. (...) Para entender como tais construções ocorrem, o caminho lógico é examinar a linguagem, na medida em que é através dela que criamos e vivenciamos os significados. Na linguagem está a promessa do reconhecimento; dominar a linguagem, um certo idioma, é assumir a identidade da cultura. Esta promessa não se cumpre, todavia, quando vivenciada pelos negros. Mesmo quando o idioma é “dominado”, resulta a ilegitimidade. (Fanon, 2008, p. 15)

No caso da moda, a linguagem cultural e criativa reproduz os mesmos moldes da linguagem mencionada por Gordon, deslegitimizando a expressão negra quando da inserção desta na identidade ocidental.

Para Adorno, na unidade do estilo que faz jus aos moldes estéticos cristãos, dá-se mais valor a um retrato criativo e social de um conceito universal enclausurado

em elementos figurativos, e esquece-se a obscura experiência dos dominados.  
(ADORNO, 2012,p. 13)

A importância das modelos negras e de sua dança na passarela de Owens não é a história cultural que elas representam, apenas a exposição da diferença cultural e racial *per se*. O fato de que Owens pode expor essa diferença cultural enfatiza a própria diferença: explicita as modelos negras e sua dança como algo fora do padrão, como espetáculo, como entretenimento.

Quando apenas uma das culturas se beneficia do espetáculo multicultural, seja monetariamente ou intelectualmente, é porque houve exploração. No caso de Owens, o benefício intelectual foi apenas dele: ele criou a coleção, ele visualizou o desfile diferenciado, ele colocou suas ideias em práticas e permitiu que um público assistisse. As modelos foram apenas ferramentas para a ideia criativa dele - elas não obtiveram benefício real, além da possibilidade de participar de algo com que elas nunca teriam sonhado - possibilidade essa oferecida por Owens, sem o qual elas não teriam feito nada parecido. Está estabelecida uma relação de poder e, portanto, uma relação de exploração cultural.

Para que o privilégio desse roteiro seja enunciável, é preciso que seja revogado esse regime de pensamento das artes, esse regime representativo que também implica uma determinada ideia de pensamento: o pensamento como ação que se impõe a uma matéria passiva. E o que chamei há pouco de revolução estética é exatamente isso: a abolição de um conjunto ordenado de relações entre o visível e o dizível, o saber e a ação, a atividade e a passividade. (Ranciere, 2009, p. 25)

Para a coleção de primavera e verão 2012, a Osklen apresentou uma temática da cultura negra. O estilista da marca, Oskar Metsavaht, conseguiu se utilizar da cultura negra sem recriar ou retornar a conceitos estereotipados e ofensivos. O próprio nome da coleção, Royal Black, já carrega uma ideia de cultura e história negras que combatem o que realmente houve no ocidente e os consequentes retratos da população negra. A ideia de uma realeza negra poderia soar absurda: a realeza europeia era direito divino, passada de geração em geração pela vontade de Deus. A hereditariedade necessária para fazer parte da realeza implicavam que, dentro do sistema ocidental, apenas homens brancos seriam reis. Um negro, no sistema democrático, poderia conseguir um dia uma posição

no governo, mas no sistema monárquico isso jamais ocorreria. Barack Obama é presidente, mas nunca teria sido um rei.

Assim, a representação negra no desfile da Osklen transmite valores num rearranjo que os revitaliza e destrói ao mesmo tempo. A referência da realeza e do papel do negro se torna desfigurada, ao mesmo tempo que estabelece novas correspondências e cria instigantes configurações. (SALLES, 2011, p. 288)

No entanto, o desfile expôs outro lado da representação cultural negra na moda. Metsavaht comentou, pouco antes de desfilarmos a coleção, que sua intenção original era conseguir um casting completo de modelos negros. Nos aproximadamente quinze minutos de desfile, apenas nove modelos negros desfilaram. Embora a representatividade de negros seja mais relevante que em muitos outros desfiles - nacionais ou não -, o fato de que o estilista tenha procurado, sem sucesso, um número total de negros para desfilarmos mostra quão excludente e segregante a indústria da moda ainda é.

A falta de modelos negros mostra que a pele negra possui pouquíssima representação na indústria da moda, não apenas na quantidade de rostos que representam as coleções, mas em todo o processo de criação, produção e comercialização da moda.

### **O negro na moda brasileira**

No mundo ocidental o ideal de beleza predominante ainda é o europeu. Isso faz com que a identidade do povo negro e das sociedades ocidentais como um todo sejam comprometidas – e faz com que nossa moda acabe sendo olhando para fora, para o outro, e o ressignificando dentro de um processo criativo, cultural e econômico que ainda é ditado por uma mentalidade colonizadora, que presume opressores e oprimidos.

O negro, na indústria da moda, está no backstage. É mão-de-obra da parcela não glamourizada da moda, da parte que não é bonita, interessante, instigante. Há uma representação abstrata e romantizada do trabalho criativo, em que os protagonistas são força criativa de trabalho artesanal, artístico, especial,

encobrendo o trabalho coletivo e o comércio, considerado vulgar. (GIUSTI, 2011, p. 120)

Ao mesmo tempo em que a indústria da moda pede cada vez mais por velocidade no processo de criação e comercialização, pressupondo trabalho manual que envolve mais pessoas, automatizando o suposto processo criativo e o transformando em indústria de comércio, mais aumenta o grau de consciência na manipulação das representações (GIUSTI, 2011, p. 121). Quanto mais automatizado é o processo e quanto mais gente envolvida na produção, mais dá-se atenção a um protagonista solo, que parece ser responsável pela criação e pelo processo do começo ao fim.

Conforme essa atenção ao protagonista - com o qual o público comprador da marca costuma se identificar - cresce, diminui o interesse pela importância de quem produz no backstage, de quem é mecanismo essencial para que a indústria da moda continue funcionando: de quem é visto apenas como serviço e nunca como consumidor do produto. O negro tem sua presença apagada do processo, quando muitas vezes é peça central de seu funcionamento.

Enquanto os mecanismos da moda continuarem nas mãos da cultura ocidental branca, a representação das culturas não-ocidentais continuará sendo, de uma maneira ou de outra, ferramenta da exploração cultural e manutenção do *status quo* histórico: a cultura de origem branca, europeia, ocidental, como linha principal da produção artística; a cultura de origem não ocidental como representação do exótico, do espetáculo, do anormal.

## Referências

- A ÁFRICA é bem longe daqui. Santa Catarina, 2013. Disponível em: <http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/variedades/noticia/2013/11/a-africa-e-bem-longe-daqui-4322392.html>. Acesso em 27abril. 2015
- APÓS polêmica envolvendo casting, Osklen mostra sua coleção Royal Black. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.jb.com.br/heloisa-tolipan/noticias/2011/06/16/apos-polemica-envolvendo-casting-osklen-mostra-sua-colecao-royal-black/>. Acesso em 22fev. 2014
- BARTHES, Roland. Inéditos vol. 3: imagem e moda. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CABELO de palha de aço na SPFW gera polêmica; estilista diz que fez crítica ao racismo. São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/heloisanegrao/1249659-cabelo-de-palha-de-aco-na-spfw-gera-polemica-estilista-diz-que-fez-critica-ao-racismo.shtml>. Acesso em 21fev. 2014

CULTURAL Appropriation: The act of stealing and corrupting. Ontario, 2013. Disponível em: [http://www.huffingtonpost.com/udoka-okafor/cultural-appropriation\\_b\\_4363916.html](http://www.huffingtonpost.com/udoka-okafor/cultural-appropriation_b_4363916.html). Acesso em 27abril 2015

DESFILE de moda com modelos negras plus size surpreende na semana de moda em Paris. São Paulo, 2013. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2013/10/14/desfile-moda-modelos-negras-plus-size-surpreende-semana-moda-paris/>. Acesso em 21fev. 2014.

FANON, Franz. Pele negra máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.

FANON, Franz. Os condenados da Terra. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

FANON, Franz. Em Defesa da Revolução Africana. Lisboa: Sá da Costa, 1980.

FREIRE, Paulo. A Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIUSTI, Nicoletta. A Indústria da Moda nos Estudos Organizacionais: Mitos, Equívocos e Perspectivas de Pesquisa. In: Estudar a Moda: Corpos, Vestuários, Estratégias. Tradução por Renato Ambrósio. São Paulo: Senac, 2011. LEBRON James' 'Vogue' Cover called racially insensitive. New York, 2008. Disponível em: [http://usatoday30.usatoday.com/life/people/2008-03-24-vogue-controversy\\_N.htm](http://usatoday30.usatoday.com/life/people/2008-03-24-vogue-controversy_N.htm). Acesso em 27abril 2015

LIPOVESTKI, Gilles. O Império do Efêmero: a Moda e seu Destino nas Sociedades Modernas. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

LOOKING for Azealia's Harlem Shake, Or How We Mistake the Politics of Obliteration for Appropriation. Maryland, 2013. Disponível em: <http://outofnowhereblog.wordpress.com/2013/03/07/looking-for-azealias-harlem-shake-or-how-we-mistake-the-politics-of-obliteration-for-appropriation/> Acesso em 21fev. 2014.

MARTIN, Richard; KODA, Harold. Orientalism: Visions of the East in Western Dress. New York: The Metropolitan Museum of Art, 1994.

RANCIÈRE, Jacques. O Inconsciente Estético. São Paulo: Editora 34, 2009.

SALLES, Vanessa Madrona Moreira. Pensamentos sobre a Moda e sua Relação com a Tradição a partir de Noções Benjaminianas. In: Historia e Cultura da moda. Organização por Maria Claudia Bonadio e Maria de Fátima da S. Costa G. de Matos. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

THE FASHION Pirate Takes on the Fashion Critic. New York, 2013. Disponível em: <http://www.thestylecon.com/2013/11/18/fashion-pirate-takes-fashion-critic/>. Acesso em 21fev. 2014.

THE POLITICS of Rihanna's hair: Her AMA do was a powerful form of resistance. New Jersey, 2013. Disponível em: [http://www.salon.com/2013/11/26/the\\_politics\\_of\\_rihanna%E2%80%99s\\_hair\\_her\\_ama\\_do\\_wa\\_s\\_a\\_powerful\\_form\\_of\\_resistance/](http://www.salon.com/2013/11/26/the_politics_of_rihanna%E2%80%99s_hair_her_ama_do_wa_s_a_powerful_form_of_resistance/). Acesso em 27abril 2015.

WHY Fashion Should Stop Trying to be Diverse. New York, 2013. Disponível em: <http://iheartthreadbared.wordpress.com/2013/09/30/just-stop/>. Acesso em: 23fev. 2014.